**PARÓQUIAS ACOLHEDORAS**

**para uma igreja em saída**

**Introdução**

“*A Paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a* ***docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade****. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser «a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas». Isto supõe que esteja realmente em* ***contacto com as famílias e com a vida do povo****, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas,* ***nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos****. A paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração. Através de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização. É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário. Temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-se* ***ainda mais próximas das pessoas****, sendo âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-se completamente para a missão*” (EG 28).

***A Paróquia: a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas***

Com o Papa Francisco, quero sublinhar uma coisa: a paróquia permanece válida! A paróquia deve permanecer: é uma estrutura que não devemos *atirar pela janela fora*. A paróquia é precisamente a casa do *Povo de Deus, a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas* (CFL 26)*.* O problema não está na validade da instituição, mas está no modo como a edificamos, sobretudo em tempos marcados pela mobilidade social, cultural, religiosa, em que o risco de perda de relevância social é enorme e o princípio territorial deixou de ser um elemento vinculativo da experiência cristã. A referência ao território ultrapassa grandemente o seu aspeto topográfico, de modo **que a Paróquia é a figura de uma Igreja radicada no lugar**.

Hoje, sabemo-lo bem, mais do que unidades territoriais, crescem as comunidades relacionais. Mas a paróquia é realmente importante, mesmo se alguns dizem estar ultrapassada; “*agora é o tempo dos movimento*s”. Creio que isto não é verdade! Os movimentos de espiritualidade ou apostólicos ajudam, mas não devem colocar-se como *alternativa* à paróquia: devem ajudar a paróquia, fazer caminhar a paróquia, fazê-la sair, pois são muitos hoje aqueles que afluem à Igreja, já não primeiramente através da Paróquia. Pelo que a Paróquia tem de estar atenta aos fenómenos sociais que a convocam a novas formas de escuta e de presença, de proximidade e de serviço. Os próprios leigos desempenham as suas funções não tanto *na paróquia* *mas a partir da paróquia*, na qual a Igreja tem a sua tradução espacial e quotidiana.

**O futuro da Paróquia: docilidade e criatividade missionária**

Como o Papa, e enquanto pároco, também acredito que “*a Paróquia tem futuro*”, mas isto supõe aceitar o desafio de se deixar renovar, de se adaptar, o que implica, portanto, uma verdadeira criatividade missionária. E quando uma paróquia procede assim, realiza-se aquilo a que se pode chamar uma «paróquia em saída».

A paróquia pode ir mais longe do que a simples resposta às necessidades “religiosas” e aos “pedidos” por ocasião dos sacramentos, quantas vezes permeados de algum paganismo, para cuidar também da formação e do espírito de missão de cada um dos batizados.

Aquilo que vos digo talvez possa parecer uma heresia, mas é assim que eu a vivo: creio que a paróquia é uma realidade análoga à estrutura do ministério apostólico; diferente, mas análoga. *Na paróquia, não se toca*: deve permanecer como um espaço de criatividade, uma referência, um lugar matricial (no sentido generativo do termo), mas para isso deve exercitar a sua **docilidade** (atenção e conversão à realidade), isto e a **criatividade *do Pastor e da comunidade*.**

Mas isso, não invalida que a Paróquia se constitua como referência de sentido, uma alma no corpo da cidade. Deve ser e aparecer, no coração do povo, como seu oásis espiritual, como instância de sentido e de esperança, para a vida de todas as pessoas, que nela habitam. E é importante que a sua vida seja bem divulgada, mais conhecida para não cair na irrelevância. A Paróquia dever continuar, no coração de uma terra, a dar-lhe alma, a oferecer aos seus habitantes a Palavra e os Sacramentos da Vida, a alegria e o testemunho da caridade divina, o culto e a cultura, capaz de amparar as pessoas, no seu caminho para Deus, na sua busca da beleza e da felicidade.

**Critérios de renovação missionária**

Aqui estão alguns critérios para tornar a paróquia mais missionária:

* *a proximidade da paróquia às pessoas*, o que implica conhecer o terreno e saber realmente o que as pessoas precisam. Muitas vezes temos ideias feitas ou perfeitas, mas não vão ao encontro das reais necessidades da vida das pessoas; isto implica maior entrosamento das paróquias com o tecido social e cultural locais; abertura para um trabalho de parceria, de complementaridade, de rede, envolvendo-se no compromisso social da fé.
* a *sua identidade como lugar de comunhão e participação*, o que implica superar o clericalismo e promover o protagonismo dos leigos (cf. EF 68-75; 102; 111-134); a tomada de consciência da identidade e missão dos leigos na Igreja não cresceu de forma igual em toda a parte;
* *a completa orientação para a missão*, superando o estigma da “introversão eclesial” (São João Paulo II, Ex. Ap*. Ecclesia in Oceania* 19), de modo que não se ocupe apenas de quem a procura mas de quem anda à procura;
* **A pergunta fundamental é esta: que queremos fazer das nossas paróquias? Um grupo de eleitos que olham para si mesmos ou uma alma na cidade (Ap.22.2) ou um centro missionário? (EG 28) que dá alma a um Povo?**
* **Como tornar a Paróquia mais aberta, mais acolhedora, mais missionária?**

Há que assumir um novo estilo de evangelização, que começa precisamente na soleira da porta: o acolhimento.

1. Um estilo amável e acolhedor
2. Um estilo dialogal
3. Um estilo familiar
4. Um estilo pobre e simples

**I. Um estilo amável e acolhedor: a hospitalidade**

A Igreja não é uma prisão, nem um museu, nem uma fortaleza medieval com muralhas, fossos e ponte levadiça. A Igreja é uma casa de portas abertas e flores nas janelas, que acolhe a todos, venham de onde vierem, e a todos oferece uma mesa com pão e vinho. É um lugar de misericórdia, não um lugar de tortura nem uma alfândega que controla tudo.

Recentemente, foi publicada, em Portugal, uma tese de doutoramento *sobre a Paróquia em tempos de mobilidade*[[1]](#footnote-1).

E o seu autor, Pe. Tiago Freitas, vem recordar-nos que é preciso repensar a paróquia, não tanto a partir do tríptico “*catequese, liturgia, caridade*” (*tria munera*) mas de novas categorias. É indispensável – diz o autor – que a comunidade cristã se constitua como um espaço (lugar de densidade humana e espiritual), onde se promova uma experiência (de afeto e de renovação) e se produza um efeito (da abertura ao transcendente e de encontro com Deus).

E apresenta quatro “categorias” fundamentais para que a fé abrace a parte e o todo da existência cristã e eclesial. As quatro categorias, diríamos, bíblicas, em que enquadra a vida da paróquia são:

* **a hospitalidade: um Corpo que acolhe**
* **a gestação: Lugar que gera**
* **a comunicação: Ação que comunica**
* **a memória: Palavra que recorda**

À cabeça, ou à entrada, está precisamente a hospitalidade, que faz da Igreja um Corpo que acolhe.

**1. Da hostilidade à hospitalidade**

Em latim, a palavra “*Hospes*” tanto designa o hospedeiro que acolhe (o anfitrião, *host*, em inglês) isto é aquele que dá *hospitium*, como pode designar o hóspede (guest, em inglês). Do mesmo modo “hostis” tanto pode significar o “convidado” como o “inimigo”.

Esta dimensão da hospitalidade carateriza, pois, o ser humano como uma “*casa de hóspedes onde habita o inesperado*” (poeta Jalal-ad-Din Rumini - sec. XIII) e cada pessoa como um “*hóspede na terra, sujeito às leis do lugar que o acolhe*” (Bonhoeffer - sec. XX-XXI), uma espécie de estrangeiro em demanda da pátria definitiva. O grande desafio é acolher quem chega como um “*hóspede*”, um amigo, alguém que trato como um igual, e não um estranho, para quem olho como um “*hostis*”, um inimigo.

Curiosamente a palavra alemã para hospitalidade “gast**freunds**chaft” significa amizade pelo convidado. Já na língua holandesa “gast**vrijheid**” significa liberdade do convidado. Assim, juntando o conceito nas duas línguas, *hospitalidade* significa criar um espaço livre do qual o desconhecido se possa aproximar e tornar-se num amigo em vez de um inimigo. Precisamos de reconhecer que existe em nós uma hostilidade latente, com os nossos medos e desconfianças, que é preciso assumir para superar.

Esta é realmente a nossa vocação: converter o “*hostis*” em “*hospes*”, o inimigo em convidado e criar o espaço livre e sem medo onde os laços fraternais se possam formar e ser experimentados integralmente.

*“Para transformar a hostilidade em hospitalidade é preciso recriar o espaço livre e acolhedor onde possamos alcançar o nosso irmão e convidá-lo a uma nova relação de amizade. Esta conversão é um acontecimento interior que não pode ser manipulado, mas que se deve desenvolver a partir de dentro. Tal como não podemos forçar uma planta a crescer, mas podemos mondar as ervas daninhas e afastar as pedras que impedem o seu desenvolvimento, também não podemos forçar alguém a uma mudança de coração, tão pessoal e tão íntima, mas podemos proporcionar o espaço onde essa mudança possa ocorrer”[[2]](#footnote-2).*

Segundo o filósofo Derrida, “*a hospitalidade absoluta requer que eu abra a minha casa e que eu a dê não só ao estrangeiro, mas também ao Outro absoluto, desconhecido, anónimo, e que eu lhes dê lugar, que eu os deixe vir, que eu os permita chegar e tomar lugar no lugar que lhes ofereço, sem lhes exigir reciprocidade*”[[3]](#footnote-3).

Na perspetiva bíblica, a condição do homem é precisamente a de um estrangeiro e peregrino, que cuida da terra e a habita como um hóspede (1 *Cr* 29,15). Os cristãos, segundo a descrição da Carta a Diogneto, um antigo escrito datado provavelmente de meados do século II, “*moram na própria pátria, mas como peregrinos. Toda a terra estranha é pátria para eles e toda a pátria terra estranha*”[[4]](#footnote-4), à semelhança de Abraão que viveu como estrangeiro na Terra Prometida.

Figura por excelência desta hospitalidade, no Antigo Testamento, é Abraão, paradigma do estrangeiro e do hóspede, que se revela nessa qualidade hospitaleira, no célebre episódio do acolhimento a três homens, junto ao carvalho de Mambré (*Gn* 18,1-16):

“1O SENHOR apareceu a Abraão junto dos Carvalhos de Mambré, quando ele estava sentado à porta da sua tenda, durante as horas quentes do dia. 2Abraão ergueu os olhos e viu três homens de pé em frente dele. Imediatamente correu da entrada da tenda ao seu encontro, prostrou-se por terra 3e disse: «Meu Senhor, se mereci o teu favor, peço-te que não passes adiante, sem parar em casa do teu servo. 4Permite que se traga um pouco de água para vos lavar os pés; e descansai debaixo desta árvore. 5Vou buscar um bocado de pão e, quando as vossas forças estiverem restauradas, prosseguireis o vosso caminho, pois não deve ser em vão que passastes junto do vosso servo.» Eles responderam: «Faz como disseste.» 6Abraão foi, sem perda de tempo, à tenda onde se encontrava Sara e disse-lhe: «Depressa, amassa já três medidas de flor de farinha e coze uns pães no borralho.» 7Correu ao rebanho, escolheu um vitelo dos mais tenros e gordos e entregou-o ao servo, que imediatamente o preparou. 8Tomou manteiga, leite e o vitelo já pronto e colocou-o diante deles. E ficou de pé junto dos estranhos, debaixo da árvore, enquanto eles comiam. 9Então, disseram-lhe: «Onde está Sara, tua mulher?» Ele respondeu: «Está aqui na tenda.» 10Um deles disse: «Passarei novamente pela tua casa dentro de um ano, nesta mesma época; e Sara, tua mulher, terá já um filho.» Ora, Sara estava a escutar à entrada da tenda, mesmo por trás dele. 11Abraão e Sara eram já velhos, de idade muito avançada, e Sara já não estava em idade de ter filhos. 12Sara riu-se consigo mesma e pensou: «Velha como estou, poderei ainda ter esta alegria, sendo também velho o meu senhor?» 13O SENHOR disse a Abraão: «Porque está Sara a rir e a dizer: ‘Será verdade que eu hei de ter um filho, velha como estou?’ 14Haverá alguma coisa que seja impossível para o SENHOR? Dentro de um ano, nesta mesma época, voltarei à tua casa, e Sara terá já um filho.» 15Cheia de medo, Sara negou, dizendo: «Não me ri.» Mas Ele disse-lhe: «Não! Tu riste-te mesmo.» 16Os homens levantaram-se e partiram em direção de Sodoma, e Abraão acompanhou-os para deles se despedir”.

**2. Traços de uma personalidade hospitaleira**

Aqui se revelam cinco **traços de uma personalidade hospitaleira**:

* **Tem a porta da casa aberta**. Não é uma casa fechada ao outro. Não está ocupado. Está em casa, sentado, recolhido na própria casa. Disponível para a surpresa. Hoje o “estar ocupado” tornou-se uma “etiqueta social” de importância. Damos sinais de andar “preocupados” e deste modo os outros não se aproximam, para não incomodar.
* **Dá as boas-vindas**. Não fica a falar de si todo o tempo. Não se protege receoso de quem se aproxima mas prostra-se e saúda-os. O outro não é um intruso, mas um bem que entra em minha casa. A pobreza é a disposição interior que lhe permite baixar as defesas e transformar os inimigos em amigos: “a minha casa é a tua casa”. O facto de se prostrar manifesta a sua humildade, a sua fragilidade, um coração pobre.
* **Percebe aquilo de que o outro tem necessidade**. Cria empatia com os visitantes.
* **Dá espaço ao outro**, cria um vazio afetuoso, franqueia a tenda, a comida, o serviço, o tempo e dá-lhes espaço para serem os protagonistas do momento. A hospitalidade não visa mudar as pessoas, mas oferecer-lhes espaço onde as trocas e o confronto possam ocorrer.
* **Dá tudo aquilo que tem** pondo os bens à disposição.

Quando a hostilidade se converte em hospitalidade, os desconhecidos aterradores podem tornar-se convidados que revelam aos seus anfitriões a promessa que trazem consigo. Aqui se vê bem que hospedar e ser hospedado são duas experiências que se entrecruzam, duas faces da mesma experiência de amor, de modo que praticando a hospitalidade, nos tornámos hóspedes de Deus: “*Não vos esqueçais da hospitalidade, -* diz o autor da Carta aos Hebreus *- de praticar a hospitalidade, porque por ela alguns, não o sabendo, hospedaram anjos*” (*Hb* 13,2; cf. *Gn* 18,1-8; 19,1-3).

**3. Praticar a hospitalidade**

Há outros exemplos de hospitalidade, tão cara ao mundo oriental, no Antigo Testamento, tais como o acolhimento da viúva de Sarepta ao profeta Elias (I *Rs* 17.9-24).

Se quisermos procurar o tema da hospitalidade no Novo Testamento, encontraríamos muitos textos, entre os quais sobressai a hospitalidade dos discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24,13-45), de modo que a hospitalidade se torna “*lugar teológico*”, experiência da manifestação do Ressuscitado.

São, de facto, muitas as referências e exortações do Novo Testamento à hospitalidade:

* “Ficai nessa casa, comendo e bebendo do que eles tiverem; pois digno é o trabalhador do seu salário. Não andeis de casa em casa” (*Lc* 10,7).
* “Acolhei-vos uns aos outros, como Deus vos acolheu em Cristo” (*Rm* 15,7);
* “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraterno, […] compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade” (*Rm* 12, 10-13).
* “Sede hospitaleiros uns para os outros, sem murmurações” (1 *Pd* 4,9).
* “E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhe disser: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos; e lhe não derdes as coisas necessárias para o corpo que proveito virá daí?” (*Tg* 2,15-16).

**4. Uma Igreja que acolhe**

Nesta perspetiva, a Paróquia devia transmitir a ideia da Igreja como lugar que acolhe a todos, fazendo do acolhimento da pluralidade e da diferença uma das suas marcas mais genuínas.

“*O acolhimento é um dos primeiros sinais de que uma comunidade está viva, mas para acolher é necessário existir, ou seja, “ser uma comunidade que tenha uma vida real*”[[5]](#footnote-5).

É importante que a comunidade saiba manter interesse por *quem quer que venha*, por toda a pessoa que chega.

As palavras mais antigas sobre o ministério da hospitalidade, na comunidade cristã, encontramo-las já na Carta de São Tiago, quando o Apóstolo censura os cristãos por darem preferência àqueles que traziam vestes finas (*Tg* 2,2-7):

“Suponhamos que entra na vossa assembleia um homem com anéis de ouro e bem trajado, e entra também um pobre muito mal vestido, 3e, dirigindo-vos ao que está magnificamente vestido, lhe dizeis: «Senta-te tu aqui, num bom lugar», e dizeis ao pobre: «Tu, fica aí de pé»; ou «Senta-te no chão, abaixo do meu estrado.» 4Não é verdade que, então, fazeis distinções entre vós mesmos e julgais com critérios perversos? 5Ouvi, meus amados irmãos: porventura não escolheu Deus os pobres segundo o mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam? 6Mas vós desonrais o pobre. Porventura não são os ricos que vos oprimem e vos arrastam aos tribunais? 7Não são eles os que blasfemam o belo nome que sobre vós foi invocado”?

A mobilidade geográfica solicita da Igreja, paradoxalmente, um contrapeso de previsibilidade e de estabilidade dinâmica, numa hospitalidade existencial que dá a segurança a outrem de que, naquele lugar, está alguém presente para acolher.

A hospitalidade vive deste encontro entre dois corpos, a partir do momento em que o acolhimento revela a prévia e a necessária disponibilidade interior.

É neste sentido que podemos afirmar a hospitalidade, como princípio de reconciliação, de encontro e de perdão. Um encontro entre duas pessoas ou entre uma comunidade e uma pessoa, que se querem bem. Acolher é um ato de confiança. Apenas e só em quem se confia é que se abre o coração.

Estar presente é uma decisão e um desejo. Exige vontade e compromisso. Exige tempo e corporeidade. É preciso que a paróquia se torne um corpo estável, uma presença estável, previsível e disponível, no meio de uma sociedade em mobilidade, em peregrinação, em movimento.

**5. A paróquia: lugar e espaço, presença e itinerância**

E se atendermos à etimologia da Paróquia, na sua origem grega, “pará-oikía” significa “junto da casa”, assim como “*paroikos*” designa aquele que reside como “estrangeiro” (cf. 1 *Pe* 2,11), afastado da própria casa, no meio das casas alheias, como um peregrino que vive próximo da casa dos outros. Nasce assim uma geografia singular, não de ordem territorial, mas de penhor antropológico, existencial, espiritual. Parece uma contradição, mas faz parte próprio conceito de paróquia esta tensão entre a itinerância do peregrino e por outro lado a proximidade que visa transformar o território ou o lugar, numa casa, num espaço acolhedor.

Muitas vezes, a paróquia está presente no território, ocupa espaço, mas funciona como um “não-lugar”, porque não se oferece como um espaço de acolhimento, de diálogo, de encontro, de relações, de vida, onde não faltem espaços para a escuta, para a celebração do perdão.

A hospitalidade não significa sermos amigáveis com os amigos e com todos os que parecem connosco, pensam e falam como nós, mas deve alcançar também os estranhos, os distantes, os estrangeiros: “era estrangeiro e recebestes-me em vossa casa” (*Mt* 25,35). O ideal cristão da comunidade é a daquela “onde já ninguém és estrangeiro nem peregrino (xénoi kaì pároikoi) mas todos são membros da casa de Deus (oikeîoi toû theoû)” (*Ef* 2,19). Se hoje a palavra paróquia aponta para a Igreja implantada num determinado território, a intuição bíblica associada ao verbo paroikeîn (paroquiar) é “viver de passagem, como estrangeiros”.

Alguém disse que a Igreja é a única organização que existe essencialmente para o bem daqueles que não lhe pertencem. Esta é a diferença entre uma Igreja e um clube.

* **Nas nossas Paróquias, há equipas de acolhimento, para as celebrações, sobretudo do Batismo, da Eucaristia, do Matrimónio, das Exéquias, onde participam tantos convidados “que estão de fora” e para quem a liturgia se torna inóspita?!**
* **Nas nossas celebrações, como “tratamos” quem chega de fora? Recebemos tão bem que os próprios, de tão bem acolhidos, se tornam também eles acolhedores?**
* **Como acolhemos os estranhos e os estrangeiros?**
* **Nas nossas Paróquias, há sempre alguém no confessionário? Se houver um confessionário com a luz acesa, há sempre pessoas que vão. Sempre!**

**6. Pessoas-soleira**

Todavia esta hospitalidade deve ser exercida por todos os cristãos, na diversidade dos dons e ministérios e até mesmo dos que simplesmente animam, presidem ou participam na celebração e que, por vezes, têm cara de funeral (EG 10).

Os próprios colaboradores pastorais nem sempre estão recetivos aos “novos”, de modo a acolhê-los, integrá-los, comprometê-los, para que se sinta em casa. Só este acolhimento possibilita que certas “*soleiras”* sejam superadas no seio da fé, que aqueles que vivem ao jeito do Nazareno intriguem outros e neles suscitem o desejo de O conhecer de se identificar com Ele.

“*Trata-se de ser lugares-soleira. Ser permeáveis, porosos, estar disponíveis para o inesperado, ser pessoas-soleira, nas salas de espera, nas saídas da escola, nos centros comerciais, fora dos espaços paroquiais. Isto chama-se presença humilde de quem toma as pessoas pelo coração e incarna a Palavra em qualquer lugar da vida, com simplicidade humilde*”[[6]](#footnote-6).

* **Perguntemo-nos: Como pode ser hospitaleira a paróquia se tem as suas portas fechadas e ninguém para receber?**

A crescente afluência aos santuários e outras igrejas de centros urbanos revela precisamente a importância desta estabilidade, em tempos de mobilidade.

Por isso, diz o Papa Francisco, “*a Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas. Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza duma porta fechada. Mas há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer*” (EG 47).

**7. Uma Igreja de portas abertas: “a porta mora à espera” (Daniel Faria)**

**7.1. Abertas para deixamos entrar (EG 46-47)**

É uma casa paterna, materna, cujo ícone eclesial é Maria, que nos introduz a Jesus e este nos leva ao Pai. A Igreja reproduz na história o coração da misericórdia do Pai que Jesus, com a sua vida e ensinamento, nos revelou. Uma misericórdia que se comove perante o sofrimento e o pecado dos seus filhos.

Se São João XXIII disse que, com o Concílio Vaticano II, a Igreja abria a sua janela para que entrasse um pouco de ar fresco na Igreja, agora o Papa Francisco abriu totalmente as portas da Igreja a todos. Todos são bem-vindos.

É nesse sentido que o Papa fala de uma Igreja de «portas abertas», para acolher as pessoas e ir ao encontro das pessoas, qualquer que seja a sua situação. Impõe-se um sério exame de consciência para avaliar a nossa capacidade e prática de acolhimento das pessoas nas paróquias.

No espaço do cartório paroquial, é fácil adivinhar-se a pertinência deste tema e a sua urgência, tendo em conta a fortíssima sensibilidade das pessoas hoje ao modo como são recebidas e tratadas. Pelo que importa fazer uma abordagem séria a esta temática, para uma resposta mais adequada e mais evangélica.

“*Há paróquias com secretárias paroquiais que parecem «discípulas de satanás»: assustam as pessoas. Paróquias com as portas fechadas. Mas existem também paróquias com as portas abertas, paróquias onde, quando chega alguém com uma questão, lhe dizem: «Sim, sim... Sente-se. Qual é o problema?» E escuta-se com paciência... porque cuidar do Povo de Deus é cansativo, é cansativo*”[[7]](#footnote-7)!

As paróquias têm de primar pela qualidade do seu ambiente humano e cristão, pela beleza e atração das suas celebrações, pela qualidade dos serviços que prestam, a começar por um acolhimento alegre e exigente, por um diálogo paciente, face a face, e não pela afronta ou pela exibição do poder da estrutura sobre quem vem pedir qualquer coisa e nem sequer sabe falar o nosso «*eclesialês*».

Estamos contaminados pelo “*vício administrativo*” nas nossas paróquias, quando elas, na sua organização, horários e estilos, não são muito diferentes das repartições de finanças ou dos CTT, com todo o respeito para os seus funcionários.

Fala-se hoje muito de sair ao encontro das “*periferias*”, de ir às casas das pessoas, de lhes falar ao coração, mas esquecemo-nos de acolher misericordiosamente as pessoas (Diocese do Porto, Plano Diocesano de Pastoral 2015-2020, Porto, p.31), que nos procuram e batem à porta e enfrentam a máquina burocrática ou a alfândega da paróquia, onde se fala tantas vezes um calão eclesiástico, que eles tampouco poderão compreender.

 As chamadas “periferias existenciais” estão todos os dias a entrar-nos pela porta dentro e não vale a pena ter um grande impulso para se fazer ao mar, se não cuida bem das pessoas em terra.

Ora *“a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante*” (EG 47).

Isto exige, de todos, uma conversão pastoral, porque não basta protestar e dizer que as pessoas fazem da paróquia *uma estação de serviço* enquanto nós, tantas vezes, organizamos e construímos uma Igreja, segundo o modelo dos serviços públicos, com horários rígidos e taxas fixas.

Um mau acolhimento, uma celebração descuidada, uma homilia desastrada, uma exigência desproporcionada, uma decisão insensata… são uma enorme pedra de tropeço no caminho dos crentes em demanda, cuja fragilidade emocional não suporta o nosso “*primarismo pastoral*”.

**7.2. Abertas para podermos sair (GE 136)**

As portas abertas indicam acolhimento aos que chegam de fora. Mas a Igreja não deve esperar que cheguem de fora às suas portas; tem de sair para a rua, ir às periferias, às fronteiras geográficas e existenciais, ainda que com o risco de ter acidentes.

É preciso inventar, procurar, sair; procurar as pessoas, penetrar nas dificuldades das pessoas. Hoje, uma *paróquia-escritório* não serve, porque as pessoas não são disciplinadas. Se não formos à procura das pessoas, se não nos aproximamos, elas não vêm. E isto é que é ser discípulo missionário, paróquia em saída. Sair a procurar, como fez Deus, quando enviou o seu Filho à nossa procura.

Não é uma Igreja encerrada em si mesma, autorreferencial, preocupada somente com os seus escândalos ou os seus problemas clericais, mas uma Igreja que procura o que está perdido, que sai ao encontro do necessitado, que atravessa os caminhos empoeirados do mundo e escuta o clamor do povo, as suas dificuldades e anseios, como fazia Jesus de Nazaré ao percorrer os caminhos da Galileia ou da Judeia.

Isto faz com que a Igreja não tenha nostalgia do passado, mas que se abra ao futuro e aos sinais dos tempos, aos novos areópagos. É uma Igreja em saída.

“*Pergunto-me –* diz o Papa Francisco *– se às vezes Jesus não estará já dentro de nós, batendo para que O deixemos sair”* (GE 136).

Jesus não quer ficar *preso* dentro de nós, no conforto da nossa casa, com portas isoladas e janelas de vidros escuros ou duplos, que nos impedem de ouvir e de ver o que se passa lá fora ou que nos mantêm comodamente à varanda ou à janela *a ver a banda passar*! Não.

Jesus bate hoje à porta do nosso coração, para que O deixemos sair e para que saiamos com Ele e ao encontro d’Ele em todos aqueles a quem somos enviados, e que vivem na nossa casa, são companheiros de escola ou de trabalho, moram na nossa rua e são a boa gente da nossa terra.

Somos constantemente desafiados a sair da missa para a missão, de modo que a porta do nosso coração e desta Igreja esteja sempre aberta, não só para deixar entrar quem nos procura… mas para nos fazer sair ao encontro de quem anda à procura a Deus e precisa de encontrar um interlocutor, um ouvinte, uma estrela no caminho da fé.

 *“Saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo”* (EG 49)*!* Não nos tornemos uma Igreja curvada sobre si mesma, doente, a cheirar a mofo, medrosa, cansada, viciada na rotina, sem ardor missionário.Cada cristão, e esta nossa comunidade, têm de discernir qual é o caminho que o Senhor lhes pede, mas todos somos convidados a aceitar este desafio: sair da própria comodidade e ter a coragem de irradiar a alegria e a luz do evangelho onde fazem mais falta.

**7.3. Portas abertas também para os sacramentos**

Alguns perguntarão: acolher os pedidos de sacramentos, sem mais, não transformará a ação pastoral numa lógica de bilheteira e a paróquia numa estação de serviço?

Não deveríamos esquecer, porém, que as pessoas que vêm pedir um sacramento à Igreja conferem a esta um peso simbólico, que tem realmente algum sentido para elas.

É preciso passar de uma pastoral de enquadramento e de transmissão ou reprodução (pastoral da cristandade), a uma pastoral de gestação, de proposta, de experiência e testemunho. Sem o testemunho vive-se ainda na conquista. Só com o testemunho se permite o acesso à fé, graças à presença de um outro crente, de uma ou várias testemunhas.

A Igreja deverá aparecer, não como instituição perene, depositária de verdades, mas como acontecimento que reúne os homens em nome de Cristo.

É um erro pensarmos que os pedidos dos sacramentos estão baseados apenas em motivos sociológicos e que, por isso, não têm nenhum valor.

Há, com certeza, uma diferença entre a motivação dos que pedem os sacramentos e as expetativas dos agentes pastorais, mas seria simplista ver nisso uma simples questão de diferença na intensidade da fé, como se de um lado estivessem os que têm uma fé sólida, refletida e equilibrada e do outro os que teriam uma fé imprecisa, pouco aprofundada, próxima da superstição ou da conveniência social.

Os que pedem o batismo, para proteger o filho não têm necessariamente uma fé menor do que a do agente pastoral ou do pároco, mas ela é então vivida e expressa de forma diferente.

Lembremo-nos que o Evangelho não nos coloca a todos dentro da mesma forma, mas gera-nos para a vida de Deus, naquilo que nós temos de único e pessoal.

*Que fazer, perante este cenário, em que a Igreja parece ter perdido o controlo da situação e se transforma numa estação de serviço?*

Sugerimos acompanhar a pastoral de acolhimento com uma pastoral de proposta, de modo a estabelecer a diferença entre a proposta cristã e o rito social de integração, que deseja.

Não se trata de negar o valor desse rito, nem de recusar o sacramento, mas antes fazer a proposta de um passo adiante. Isso significa que não se trata de acolher passivamente o pedido, mas ter uma atitude proactiva, tomando a iniciativa de propor algo mais. Acolher com exigência é o caminho.

Não se trata, pois, de pôr *condições de acesso*, mas de propor caminhos de aprofundamento e de empenhamento da fé. Esta pastoral da proposta exige um diálogo pastoral, que é feito de acolhimento e interpelação.

**7.3.1. A preparação para os sacramentos como experiência missionária**

Outra dificuldade, que tomamos como desafio, é a de fazer da preparação para os sacramentos, sobretudo para o batismo e matrimónio, um “*momento missionário”* (Bento XVI), “uma oportunidade para o anúncio do Evangelho” (cf. P. Bacq - C.Theobald) e não, na ótica de quem os pede, “*um mau momento por que tenho de passar*”, ou “o *preço que tenho de pagar para ter direito aos sacramentos*”.

É preciso olhar, para quem nos bate à porta, a pedir um sacramento, não como um “*problema pastoral*”, mas como uma bênção a acolher, uma nova oportunidade para o anúncio do Evangelho.

Corre-se, aliás, o risco de uma certa instrumentalização dos fiéis e dos sacramentos, quando se apresenta, como condição *sine qua non*, a realização de um “*curso de preparação*” para ser padrinho, para ser crismado, para casar… quando na verdade, não é disso que se trata, porque não há «curso» para ser marido e esposa, pai ou mãe, padrinho ou madrinha, ou mesmo para ser padre.

E infelizmente nos nossos cartórios paroquiais, é comum encontrar pessoas que, em vez de escutar e “*tirar as medidas*” para oferecer um “*fato à medida*”, prefere-se impor o “*fato pronto-a-vestir”*.

Em vez de acolher, com alegria, estamos a exigir, sem piedade. Em vez de propor um percurso, estamos a impor um curso. Em vez de escutar a história de cada um, onde se vislumbram tantos sinais de Deus, temos a nossa narrativa depressa a debitar.

Em vez de dialogarmos, de igual para igual, temos a tentação de falar “de cima da burra”, com a autoridade do nosso lugar, deixando os outros sem resposta.

Temos, pois, de agradecer aos não praticantes, aos distantes, aos dispersos, quando nos batem à porta, mesmo sem saber bem todo o alcance do que nos estão a pedir. Porque são então as ditas «periferias» a entrar-nos pela casa dentro, quando, em bom rigor, devíamos ter sido nós a sair ao seu encontro.

Os agentes pastorais devem alegrar-me com cada pessoa, com cada família, com cada bebé, porque a “ovelha” voltou ao redil e temos uma boa oportunidade de conversar. E, deste modo, o incómodo das situações ditas “irregulares” transformam-se, em “oportunidades” de diálogo e de anúncio, de proposta e de aprofundamento das motivações, de conhecimento e de acompanhamento, com toda a paciência e misericórdia.

**7.4. Uma opção missionária capaz de transformar tudo (EG 27)**

Desafia-nos o Papa: “Igrejas abertas. Secretarias com horários para as pessoas que trabalham. Catequeses adequadas nos conteúdos e nos horários da cidade. Temos mais facilidade para fazer crescer a fé do que para a ajudar a nascer” (Papa Francisco, Discurso, 27.11.2014).

“*Se a paróquia já não é suficiente para comunicar o evangelho no espaço urbano permanece como lugar de refúgio, a bel-prazer. Deixar-se interrogar pela cidade e pelas suas mudanças dá vida a respostas inovadoras, sem confins físicos e leva a ir além dos hábitos, nos horários, nas celebrações*”[[8]](#footnote-8).

Um bom acolhimento, mas com altas expetativas, é a maneira mais respeitosa de corresponder às necessidades das pessoas.

* **Estamos disponíveis para ver e rever horários das secretarias? Estão ajustados às necessidades?**
* **Estamos disponíveis para ver e rever horários de abertura das Igrejas? Respondem à procura?**
* **Estamos disponíveis para ver e rever o número e horários das Missas? São de mais? São de menos? Há “concorrências” e “sobreposições” de horários, em Igrejas e capelas, do mesmo território? Como “racionalizar”?**
* **Os horários e o modo de funcionamento da Catequese estão adequados? Seria porventura oportuna uma organização interparoquial da Catequese, onde a frequência desta não permite a constituição de grupos viáveis (por excesso ou por míngua) ou não responde ao problema da mobilidade e da divisão no interior das famílias?**
* **Estamos disponíveis para tornar acessível os sacramentos do Batismo?**
* **Como respondemos aos adultos que pedem o batismo? Temos um Catecumenato organizado para a Cidade?**
* **Que possibilidades há para a celebração do Sacramento da Reconciliação, em termos de horários e lugares? São conhecidas?**
* **Os percursos de preparação para os sacramentos (Batismo, Matrimónio) respondem às necessidades? Ou o esquema é demasiado rígido e muitos ficam de fora? Como melhorar?**

**ii. um estilo dialogal**

**1. Presença, escuta e proximidade**

«*Devemos dar ao nosso caminho o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão*» (EG 169).

*«Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que «é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração, que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual»* (EG 171).

Todo aquele que procura um sentido, por muito afastado que esteja da fé e da vida cristã, é animado pelo Espírito e pode contribuir para gerar a Igreja para a novidade do dom de Deus, que trabalha o nosso mundo.

É preciso descobrir na vida dos não praticantes e dos afastados sinais do Espírito em ação, vestígios do mistério desse Deus que nos precede.

Para ser missionária, ela precisa que cada um dos seus fiéis se torne um guia solícito no meio das gentes que andam à procura, mesmo se aparentemente meio-perdidos; precisamos muito de cristãos capazes de serem bons ouvintes, interessados na escuta dos que têm histórias de vida para contar, a fim de ajudar a “desvendar” nelas a presença de Deus, que ali permanece escondida.

Missão é, antes de mais, anunciar Aquele que se esconde no desejo e até no desvario de cada pessoa. Na verdade, Deus atua em todos e em todos Se encontra (*Ef* 4,6).

Precisamos de suscitar e manter um diálogo com os interlocutores, convencidos, por um lado, que **o Espírito Santo sempre chega antes de nós e dispõe os outros** não só para receber a mensagem, mas também os capacita para que nos ensinem algo através das suas esperanças e sonhos.

**Antes do “ide e anunciai” deve estar o “ide e escutai”.**

Na verdade, uma Igreja em que somos “*todos discípulos*” – o Papa, os Bispos, os padres e os ministros da Palavra também o são – deve aprender a escutar a todos, com empatia, como Jesus fez no caminho de Emaús. Isto supõe a convicção de que, na missão, **mais importante do que saber falar bem é aprender a escutar o outro**.

É preciso que cada um se torne um bom ouvinte, um guia solícito, interessado na escuta dos que têm histórias de vida para contar, a fim de os ajudar a desvendar os sinais da presença de Deus nas suas vidas (cf. EG 71). Não se deve minimizar o silêncio reverencial, diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3, 5; cf. EG 169).

Precisamos de aprender a dialogar com todos, convictos de que o Espírito Santo chega antes de nós e dispõe os outros para receber o Evangelho; o mesmo Espírito Santo capacita os outros, não só para ouvirem a Palavra, mas para nos dizerem essa Palavra através dos seus sonhos, sofrimentos, alegrias e esperanças.

“*Mesmo quando a vida de alguém tiver sido um desastre, mesmo que o vejamos destruído pelos vícios ou dependências, Deus está presente na sua vida*” (GE 42). E fala através dela. Criar a confiança, para que uma pessoa possa dizer-se, mesmo nos aspetos que considera mais vergonhosos e inadmissíveis e condenáveis, e saber acolhê-la na sua humanidade, sem juízos nem condenações, é uma missão pastoral tão necessária e vital. Precisamos muito de valorizar o carisma da escuta, ***a pastoral do ouvido*.**

A pastoral na cidade deve pôr o maior número possível de batizados em condições de ser guias hábeis e amorosos nestas difíceis transposições de fronteiras que ocorrem diariamente na cidade”.

* **Formamos pessoas portadoras de vida, habilitadas para discernir, integrar, conviver, dialogar?**

**2. Cultura do encontro**

As paróquias são chamadas a promover aproximação espiritual. E cultivar o encontro pode acontecer até por atividades económicas (café, albergue…) como experiência de hospitalidade, de acolhimento, de encontro.

As paróquias são chamadas a procurar e cuidar o encontro direto, físico de pessoas que “andam longe” da paróquia.

Neste sentido, reiteradas vezes o Papa desafia-nos a promover uma verdadeira cultura do encontro de modo simples, como fez Jesus: não só vendo, mas olhando, não apenas ouvindo, mas escutando, não só cruzando-se com as pessoas mas detendo-se com elas, deixando-se arrebatar pela compaixão. O nosso grande desafio – disse o Papa – é criar uma cultura do encontro, que alente cada pessoa e cada grupo a partilhar a riqueza das suas tradições e experiências, a abater muros e a construir pontes.

*“Como são belas as cidades que superam a doentia desconfiança e integram os diferentes, e que fazem de tal integração novo fator de desenvolvimento*” (EG 210).

Este é realmente o caminho: restituir dignidade às pessoas com rostos e com histórias únicas, valorizar o mais pequeno e insignificante dos fragmentos de vida para obter percursos humanizantes. Implica conhecer a realidade do tecido urbano, rua a rua, palmo a palmo, identificar os problemas e os desafios. Implica contribuir para que a cidade seja habitável para todos e onde cada um encontre o seu lugar.

* **Conhecemos bem o terreno, o nosso “território”, com as suas riquezas e pobrezas, problemas e respostas?**
* **Dialogamos e colaboramos subsidiariamente com as instituições “em campo” na cidade?**
* **Se conhecemos bem este terreno, que situações requerem claramente uma mudança pastoral?**

**3. Cultura do encontro, também no diálogo pastoral**

O diálogo pastoral fica inquinado quando, à partida, o interlocutor está diante de alguém que lhe aparece como “superior”, de modo que não há verdadeira paridade nem recetividade!

Muitas vezes as pessoas que vêm pedir o sacramento estão longe de lhes conferir o sentido teológico que a Igreja lhes oferece. Como respeitar as suas expetativas, sem pôr a saldo o mistério da fé? Eis uma questão pastoral, de grande relevância.

O diálogo pastoral não devia fazer-se no pressuposto de que estão *de um lado* os que sabem *e de outro* os que não sabem nada! E se nós (agentes pastorais) nos puséssemos à escuta do outro e nos convertêssemos ao outro, deixando-nos também interpelar e enriquecer?!

No diálogo entre agentes pastorais e os que pedem os sacramentos é preciso passar da lógica do frente a frente, à lógica do caminhar juntos.

É preciso centrar-se mais na pessoa que faz o pedido, do que no pedido feito. É preciso que o discernimento seja feito em comum.

No diálogo pastoral, não se pode esperar que os requerentes dos sacramentos falem o nosso calão eclesial, o nosso teologuês ou eclesialês.

A sua gramática de Deus é outra. E, em rigor, o acesso direto àquilo que habita as pessoas, para além das suas palavras, permanece barrado. Nós não podemos escapar à materialidade da linguagem. Teremos de nos aproximar com empatia e solicitude. Estarmos mais atentos ao mistério do outro, do que prontos a avaliá-lo.

Há que passar do diálogo dialético (confrontação crítica de posições diferentes) ao diálogo dialogal, ao diálogo humilde, capaz de escutar a história do outro; ao diálogo empático, capaz de entrar na história do outro; em que ambos os interlocutores se reconhecem iguais, renunciando cada um a exercer o poder sobre o outro. O diálogo dialético erra o alvo e fica preso a poderes de argumentação racional.

É preciso que o agente pastoral cuide por que o seu estatuto na instituição não o coloque superiormente acima do outro. Importa estar recetivo a aprender de quem nos pede e interpela, para fazer um discernimento com os requerentes e não por eles. Responsáveis pastorais e requerentes poderiam descobrir juntos novos significados para os ritos que celebrarão em comum[[9]](#footnote-9).

As paróquias são chamadas a promover aproximação espiritual. E cultivar o encontro pode acontecer até por atividades económicas (café, albergue…) como experiência de hospitalidade, de acolhimento, de encontro. As paróquias são chamadas a procurar e cuidar o encontro direto, físico de pessoas que “andam longe” da paróquia.

* **Seria sensato, útil e pastoralmente viável “especializar” algumas Paróquias ou Igrejas ou Reitorias ou Ordens religiosas em algum tipo de “resposta pastoral”, tais como acolhimento a turistas e imigrantes, momento espiritual, celebração da reconciliação, catequese para deficientes, catecumenato, espaço de retiro…ou outros?**

**4. A missão *inter gentes e cum gentibus***

**4.1. Missão *inter gentes***

Alguns autores falam hoje da missão *inter gentes [[10]](#footnote-10)*. A expressão é de aparição recente no cenário eclesial e afirma-se em contraponto à missão *ad gentes*. O termo surgiu no contexto asiático e foi elaborada por W. R. Burrows, para incluir o tríplice diálogo: diálogo com as grandes religiões, diálogo com as culturas locais tão ricas de sabedoria e de experiência, diálogo com a pobreza opressora de que padece a maioria da população.

Esta proposta vê o diálogo como modo de encontro com os outros e pressupõe a **eliminação de qualquer atitude de etnocentrismo cultural** ou de superioridade religiosa.

A peculiaridade da missão *inter gentes* é que reconhece a diversidade cultural e o pluralismo religioso como **uma bênção e não como problema**; o outro não é um estranho, mas um irmão, não é alguém a quem se tem de convencer (menos ainda vencer); trata-se de um interlocutor valioso.

A missão ***inter gentes*** é aquela que o próprio Deus protagonizou ao caminhar com o seu povo, ao encarnar na sua história, ao entrar em diálogo connosco. Vemos isso, na prática pastoral de Jesus, por exemplo, no diálogo com a samaritana (Jo 4,1-41), ao revelar-lhe a sua capacidade de dar água… e o dom que ela esconde dentro de si. O encontro de Jesus com a sirofenícia (Mc 7,24-31) e o encontro de Pedro com Cornélio (At 10) podem ser alguns exemplos. Nestes casos, os interlocutores não se deixam entorpecer por estereótipos, a relação dá-se num plano de igualdade fundamental e a conversão é tão exigente para um interlocutor como para outro.

Neste sentido, o desafio da missão já não é tanto a extensão ou expansão da Igreja ou do cristianismo, ou da sua zona de influência, mas proporcionar e oferecer a participação do homem na vida de Deus, através da relação com Ele.

**4.2. Missão *cum gentibus***

A consciência missionária pede-nos para estarmos entre a gente e ir com alegria a todas as gentes. Entende-se a missão “*cum gentibus*” e como exercício de recíproca evangelização. Deus já está presente e é preciso desvendá-l’O (EG 71).

**Compreendamos então que não é tanto a Igreja que faz a missão, mas a missão que faz a Igreja.**

A missão faz a Igreja, porque faz dela melhor instrumento ou agente de salvação. Mais: não é a Igreja que tem uma missão; é a missão que tem uma Igreja. Como Igreja não temos uma missão; é a missão que nos tem a nós, enquanto Igreja, é a missão que nos sustenta, funda e impulsiona. A missão não é, pois, uma função da Igreja; ela constitui a sua essência e a sua realização existencial.

**iii. um estilo familiar**

1. **Uma família de famílias**

Fazer crescer a Paróquia, como uma “*família de famílias*”, como “*casa e escola de comunhão*” (São João Paulo II, N.M.I.43), em que todos se sintam “*como em sua casa”* (EG 199), a começar pelos mais pobres e frágeis, é talvez o desafio, que fica a montante de todas as outras atividades, que são levadas a cabo pela Pastoral Familiar.

Talvez a Pastoral Familiar não deva ser *“uma agenda de iniciativas e programações pastorais*”, “*para as famílias*”, mas a criação de um clima familiar, na vida das comunidades, em que as famílias se geram e regeneram na fé, em que crescem e frutificam no amor, num processo de geração de vida nova, em que elas mesmas se sentem protagonistas da solicitude da Igreja, por todos, e por cada um, desde o nascimento à morte[[11]](#footnote-11).

**2. Ambiente familiar: uma mãe de coração aberto**

Há, de facto, um *espírito familiar*, na pastoral, quando se cuida do acolhimento, sobretudo dos mais frágeis e vulneráveis, quando se desenvolve a proximidade com todos, quando se geram laços de fraternidade e de caridade entre os fiéis, quando se acompanham as pessoas, nos seus momentos e nos eixos existenciais das suas vidas, quando se atende aos percursos pessoais e às etapas de crise e de crescimento de cada um... quando a Igreja se revela então uma “*Mãe de coração aberto*” (EG 46;47), capaz de acolher e gerar a vida, capaz de alimentar, de perdoar, de curar as feridas e de festejar cada passo, cada etapa (AL 163), da vida e da alegria do amor em família.

**3. A limpeza de uma Igreja suja**

“Penso muitas vezes numa passagem do romance de Bernanos, *Diário de um pároco da aldeia*. É sobre um assunto talvez inesperado, mas que pode ser formulado através de uma pergunta. Os nossos templos devem estar limpos ou sujos? Claro que esta interrogação deve ser lida em chave simbólica, mas os símbolos só funcionam verdadeiramente quando ancorados na realidade que espelham e desafiam. Bernanos parte do exemplo de uma sacristã tão zelosa da limpeza da Igreja que olhava para os fiéis que nela entravam como uma ameaça e um incómodo. É neste contexto que o escritor defende o seguinte: «uma igreja paroquial tem de estar suja. E a cristandade inteira deve está-lo ainda mais». Uma Igreja maníaca da organização e da ordem, obcecada pelo regime da pureza, distancia-se das pessoas. Torna-se um lugar de cerimónia, estático e correto como um museu, mas deixa de ser um território de celebração da vida, atravessado pelo quotidiano, pela sua turbulência e pelas suas pegadas. Fica sequestrada pelo formalismo e pelo zelo em vez da misericórdia e da alegria. Concentra-se no odor a naftalina, quando se devia empestar, como recomenda o Papa Francisco, do cheiro do seu rebanho.”[[12]](#footnote-12)

**iv. um estilo de vida pobre e simples**

**1. Pobre de meios e rica no amor**

Por ser a Igreja no meio das pessoas, a Paróquia pode apresentar-se como instituição próxima de todos, capaz de valorizar cada oportunidade de contacto, como possível ponto de partida para um verdadeiro caminho de fé até à santidade, A capacidade de ser uma instituição simples e humilde e de apresentar os elementos essenciais da fé cristã, pode fazer dela uma providencial porta de entrada na experiência da fé cristã, inclusive para muitas pessoas que talvez dela se sintam excluídas ou para ela se sintam inaptas. Como nos pediu o Papa Francisco, em Fátima, na conclusão da sua homilia, a paróquia é pedido que seja a primeira “*e a última localização*” (CFL, 26) de “*uma Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor*” (Papa Francisco, *Homilia*, 13.05.2017).

Na verdade, não se pode mesmo evangelizar os pobres, senão com os pobres, senão como pobres! O discípulo missionário anuncia e testemunha Jesus tatuado, estampado, refletido no seu próprio estilo de vida pobre e simples, que deve também caraterizar a vida de uma paróquia.

**2. Uma Igreja para os pobres**

A “saída” missionária para as periferias implica uma clara “*opção preferencial pelos pobres*”, na linha do Concílio Vaticano II, como nos recomenda insistentemente o Papa Francisco: “*Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de* ***chegar a todos, sem exceção****. Mas, a quem deveria privilegiar? (…) Hoje e sempre, «****os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho****», e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos*” *(*EG 48). “*Somos desafiados na Igreja a assumir uma clara opção preferencial pelos pobres. Urge que sejamos uma Igreja pobre, para se irmanar com os pobres e para que estes se sintam na comunidade cristã como em sua casa*” (PDP 2015/2020, p.13).

Na entrevista que deu à revista *Civiltà Cattolica*, o Papa esclarece a sua proposta:

«*Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha, depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave, se tem o colesterol ou o nível de açúcar altos. Primeiro, devem-se curar as suas feridas. Depois podemos nos ocupar do restante. Curar as feridas, curar as feridas… e é preciso começar por baixo*» (19 de agosto de 2013).

“*Há tantos pobres, vítimas de antigas e novas formas de pobreza. Existem novas pobrezas! Pobrezas estruturais e endémicas, que excluem gerações de famílias. Pobrezas económicas, sociais, morais e espirituais. Pobrezas que marginalizam e descartam as pessoas, filhos de Deus. Na cidade, o futuro dos pobres é uma pobreza ainda maior. É preciso ir ao seu encontro*”[[13]](#footnote-13).

* **Que respostas oferecemos de modo que os pobres se sintam na Igreja como em sua casa?**
* **Que respostas a novas pobrezas estamos a descurar? Como as podemos articular na cidade?**

**Conclusão em 3 agás**

Segundo Mallon[[14]](#footnote-14), há três agás fundamentais para a renovação missionária da Paróquia, o primeiro dos quais é a “*hospitalidade”.* Os outros dias são os hinos e as homilias…

* + **Hospitalidade:** acolher e alcançar a todos, a começar pelos distantes e estrangeiros. Criar equipas de acolhimento. Começar por acolher bem, nas celebrações.
	+ **Hinos:** O canto na liturgia é música para a alma. Tocar o mais profundo da alma e do coração. Conciliar o antigo e o novo. Oferecer beleza.
	+ **Homilias:** As homilias preparadas e partilhadas, como momento celebrativo, com palavras que abrasem os corações (EG 135-159) e cheguem ao concreto de todas as pessoas e da pessoa toda.

Em todo o caso, tudo começa pelo acolhimento, pela hospitalidade. Que este seja o sinal e uma “porta que mora à espera” (Daniel Faria) ou do Pai, que à janela, espera o regresso do Filho, que será surpreendido pela generosidade do Pai. Não seja afastado pela hostilidade do irmão mais velho! Nesta Quaresma transformemos qualquer sinal de hostilidade num abraço de hospitalidade.

“A porta mora à espera
De perfil se ensombra
E descansa

O degrau é paciência
O umbral anúncio
O silêncio é o lugar
Onde baterão as mãos”.[[15]](#footnote-15)

**APÊNDICE: DECÁLOGO PARA UMA PARÓQUIA MISSIONÁRIA**

Por fim, e em jeito de síntese, permiti-me enunciar um decálogo para uma Paróquia missionária, para vos propor uma espécie de decálogo de valores, a potenciar na cultura da comunidade paroquial. Socorro-me da leitura de um sugestivo livro de James Mallon[[16]](#footnote-16) sobre a conversão missionária das paróquias, e que propus como desafio do plano pastoral da paróquia da Senhora da Hora.

1. ***Promover e facilitar a experiência fundamental da alegria do encontro com Cristo, que nos atrai para o Pai e nos dá a graça do Espírito Santo, que nos santifica, anima e envia em missão.*** Na verdade, na missão que somos, “*nenhuma motivação será suficiente se não arder nos corações o fogo do Espírito*” (EG 261). Não basta renovar horários e calendários, métodos pastorais, linguagens e expressões da fé e da missão, se não cuidarmos de reacender o ardor da santidade. A vocação universal à missão “todos discípulos missionários” brota da vocação universal à santidade. Pelo que “*não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade* (GE 19). “*A santidade é o rosto mas belo da Igreja*” (GE 9) e é o que de melhor temos a oferecer para a transformação do mundo.
2. ***Cuidar da hospitalidade: acolher e alcançar a todos, a começar pelos mais distantes e estrangeiros. Criar equipas de acolhimento.***

Comecemos por acolher bem nas nossas celebrações. Temos de melhorar o acolhimento à porta da Igreja, mas também antes e depois das celebrações. Precisamos de aprender a acolher melhor quem chega e pretende integrar-se num grupo, de modo a não se sentir ignorado, acabando por sair desiludido ou escandalizado. O acolhimento não é apenas uma boa prática de turismo, mas uma exigência evangélica do ser cristão e do viver em missão.

1. ***Um bom acolhimento na secretaria paroquial, com empatia e simpatia, com horários adaptados à realidade e às necessidades, mas com altas expetativas, é a maneira mais respeitosa de corresponder às necessidades das pessoas***, de modo que este acolhimento se faça com ternura e exigência, com abertura e discernimento. Não nos podemos esquecer que a atenção às periferias deve começar por aquelas que nos entram todos os dias pela porta dentro.
2. ***Dar absoluta prioridade ao Domingo e à Eucaristia dominical.* *Despertar a comoção pela beleza da celebração.*** Vai nesse sentido a formação e acompanhamento dos grupos corais, do grupo de leitores e do grupo de acólitos. Há que valorizar o cuidado posto nas homilias preparadas e partilhadas, como momento celebrativo, com palavras que abrasem os corações (cf. EG 135-159) e cheguem ao concreto de todas as pessoas e da pessoa toda.
3. ***Abrir o caminho da beleza no acesso a Deus.*** Estamos convictos *de que* o canto na liturgia é música para a alma. Para proporcionar o encontro com Cristo é preciso tocar o mais profundo da alma e do coração*.*  Importa melhorar a presença da Igreja através do diálogo com as artes (teatro, pintura, dança), exposições, debates e parcerias com outras instituições, de modo que também a oferta cultural aproxime pessoas, dialogue com o mundo e abra a todos a via da beleza para o encontro com Deus.
4. ***Uma comunidade verdadeira e familiar, onde há verdadeira fraternidade, clima de festa, alegria do convívio, experiência de comunhão*.** Nesta perspetiva devem ser valorizados os almoços, jantares, festas, convívios e outras iniciativas da comunidade e dos seus grupos e associações e confrarias. Para ampliar a dimensão familiar e missionária da paróquia é preciso ainda aproveitar mais e melhor as possibilidades do mundo digital (site, redes sociais) e melhorar a comunicação com a sociedade e a cultura envolventes. Por que não pensar em criar uma pequena equipa de comunicação e multimédia em cada paróquia?

Segundo Mallon há três agás fundamentais: a “*hospitalidade, hinos e homilias*”…

* + **Hospitalidade:** acolher e alcançar a todos, a começar pelos distantes e estrangeiros. Criar equipas de acolhimento. Começar por acolher bem, nas celebrações.
	+ **Hinos:** O canto na liturgia é música para a alma. Tocar o mais profundo da alma e do coração. Conciliar o antigo e o novo. Oferecer beleza.
	+ **Homilias:** As homilias preparadas e partilhadas, como momento celebrativo, com palavras que abrasem os corações (EG 135-159) e cheguem ao concreto de todas as pessoas e da pessoa toda.
1. ***Descobrir e promover os talentos de cada um. Aproveitar os pontos fortes. Dar prioridade às pessoas e aos processos e não aos méritos e aos resultados.*** Cada um é um lugar para os outros. Sejamos todos discípulos missionários (cf. EG 119-121). Com os agentes pastorais, com os adolescentes e crismandos apostemos nesta cultura do serviço e do compromisso com a missão da Igreja, não como um adorno, um à parte da vida, uma tarefa voluntária (cf. EG 273), mas como exigência interior e consequência do encontro com Cristo e do seu seguimento na Igreja. Precisamos que os agentes pastorais se tornem discípulos e não associados, missionários e não voluntários, como se a Igreja fosse uma ONG. A promoção de uma cultura vocacional é fundamental, para todas os estados de vida, sem esquecer a urgência no despertar das vocações sacerdotais. Essa intenção deve ser constante na ação pastoral e nos momentos de oração.
2. ***Dar protagonismo aos leigos e superar o clericalismo****.* A comunidade não se torna mais missionária só por ter um Papa atraente ou um pároco zeloso. Uma paróquia urbana precisa de leigos comprometidos na sua missão, de verdadeiros interlocutores com as pessoas que vivem na cidade,de autênticos *“vedores”(que fazem descobrir e correr a água viva da presença de Cristo na vida das pessoas),* de grupos de conexão, de redes de ligação*…* onde o pastor não é um gestor, mas um líder animado e animador, com um sonho e uma visão, um líder que não se distingue pelo número de seguidores, mas pela capacidade de formar líderes de pequenos grupos. Quanto maior é a paróquia, mais “*pequena*” tem de se fazer. Deve ir nessa linha a valorização do Conselho Económico e do Conselho Pastoral, a criação de novos grupos de acordo com as necessidades locais. Precisamos de pequenos grupos, que funcionem como células missionárias. Sim. Mas não precisamos de “grupinhos” e muito menos de uma paróquia transformada “*num grupo de eleitos que olham para si mesmos*” (cf. EG 28).
3. ***Converter-se numa Igreja que convida: “Vinde e vede” (Jo 1,39).*** Nenhuma estratégia de missão, nenhuma campanha ou semana missionárias podem substituir a missão assumida por cada um na sua própria terra (cf. EG 273). Que o respeito pela diferença, não nos faça cair na indiferença. A criação de uma “*rede de mediadores*” é um processo que visa sair ao encontro, convidar, envolver, comprometer mais pessoas, que façam esta ponte entre a Igreja e a Cidade, entre a Paróquia e a vida concreta das famílias. Na realidade, se não fordes vós as suas testemunhas no próprio ambiente, quem o será em vosso lugar? “O *cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida*” (Bento XVI, Homilia, 14.05.2010). “*Não se pode deixar estar as coisas como estão*” (EG 27).
4. ***Por último, mas não o menos importante, é assumir o lugar privilegiado dos pobres na comunidade e o imperativo evangélico no cuidado da fragilidade*.** O mundo da pobreza (carência de bens essenciais e materiais) e das novas pobrezas (solidão, doença, luto, separação conjugal, ignorância religiosa, exclusão social etc) reclama a atenção de uma comunidade “*pobre de meios, mas rica no amor*”. Os grupos paroquiais ligados à pastoral sociocaritativa não podem ser marginais, na organização pastoral da comunidade, mas parte integrante da missão da Igreja, a quem cabe o serviço da Caridade e não apenas o da Palavra e da Liturgia. Não basta falar de Deus, mas é preciso deixar Deus falar (DCE 31 c), pelo testemunho do amor gratuito. Nisto conhecerão que somos realmente discípulos missionários.

São apenas alguns desafios para a transformação missionária da Paróquia (EG, cap. I), que começa precisamente na porta de entrada, para uma Igreja em saída: o acolhimento.

Padre Amaro Gonçalo

Arciprestado de Coimbra

14 de março 2019

**BIBLIOGRAFIA**

A.A.V.V., *Francesco. Evangelii Gaudium. Testo integral e comento de «La Civiltà Cattolica»*, Ed. Ancora, Milão 2014.

A.A.V.V., *La alegría del evangelio. Claves y propuestas para la comunidade evangelizadora*, Ed. PPC, Madrid, 2014

AA.VV., *La Iglesia del futuro*, in *Revista Concilium*, n.º 377 (setembro 2018), Ed. Verbo Divino, Estella 2018.

ALBERTO COZZI – ROBERTO REPOLE – GIANNINO PIANA, *Papa Francisco. Que Teologia*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2017

ALPHONSE BORRAS E GILLES ROUTHIER, *A nova Paróquia*, Ed. Gráfica de Coimbra 2, Coimbra 2010

AMARO GONÇALO, *Estamos demasiado habituados a ver a missão como um ‘à parte’ ou um adorno da nossa vida cristã*, in *Jornal da Madeira*, 10 Novembro, 2018 [Entrevista a Luísa Gonçalves, [Luisa Gonçalves](http://www.jornaldamadeira.com/author/luisa-goncalves/), na rúbrica Pedras Vivas].

AMARO GONÇALO, *Homilia no V Domingo Comum C*, 2010

AMARO GONÇALO, *Um convite a Paulo. Fica em minha casa*, Ed. Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar, Porto, 2008

ANTÓNIO SÉRGIO TORRES, *Pastoral familiar: levantar-se em cada manhã com as famílias*, in *Theologica*, 2ª série, 41, 1 (2006), 97-118

BENTO XVI*, Discurso durante o encontro com os sacerdotes da diocese de Albano (ITÁLIA), 31-08-2006*

BENTO XVI, *Encíclica Deus Caritas est*, Ed. Paulinas Prior Velho 2006

BENTO XVI, *Homilia na Avenida dos Aliados, Porto, 14.05.2010*

BENTO XVI, *Homilia para a celebração eucarística para a inauguração solene da Assembleia XIII Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos,* Roma, 7 de outubro de 2012.

CARDEAL CARLO MARIA MARTINI*, Levanta-te e vai a Nínive, a grande cidade. Carta sobre a evangelização das grandes cidades, Ed. Loyola, São Paulo 1992*

COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Reflexões sobre a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Papa Francisco*, Moscavide 2914 (documento em pdf)

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP), Carta Pastoral “*A Família, esperança da Igreja e do mundo”,* Fátima, 31 de maio de 2004

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP), Carta Pastoral “*Como Eu fiz, fazei vós também”,* Fátima, 10 de junho de 2010.

DANIEL FARIA, *Poesia*, Edições Quasi, 2003, p.55

DENIS VILLEPELET, *A proposta da fé em contexto de crise de transmissão. O futuro da catequese europeia*, col. Ferramentas Catequéticas, Ed. SEDCIA, Porto, 2005

DIOCESE DE ANGRA*, Orientações Diocesanas de Pastoral. Da alegria do Evangelho à saída missionária da Igreja*, Açores 2014

DIOCESE DO PORTO,*Plano Diocesano de Pastoral 2016-2017*, Porto, 2016

DIOCESE DO PORTO,*Plano Diocesano de Pastoral 2017-2018*, Porto, 2017

DIOCESE DO PORTO,*Plano Diocesano de Pastoral 2018-2019*, Porto, 2018

DIOCESE DO PORTO,*Plano Diocesano de Pastoral, para o quinquénio 2015/2020*, Porto, 2015

DOM ANTÓNIO MARTO, *Carta Pastoral* “*Testemunhas da Ternura de Deus*”, Leiria-Fátima, 8.09.2007.

DOM ANTÓNIO MARTO, *Homilia no Dia da Cidade de Leiria*, 22.05.2007

DOM CARLOS AZEVEDO, *Conferência sobre Dom António Barroso*, Senhora da Hora, 19.05.2018.

DOM MANUEL LINDA, *Homilia na Missa inaugural*, 15.04.2018

ENZO BIANCHI E RENATO CORTI, *A Paróquia*, Edições, Prior Velho 2006

FABRIZIO MERONI – ANASTÁCIO GIL (Coord.), *La Misión, futuro de la Iglesia. Missio ad-inter gentes*, Ed.PPC, Madrid 2018, p.152.

FRANCESA AMBROGETTO - SERGIO RUBIN, *Papa Francisco, Conversas com Jorge Bergoglio*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2013

HENRY J. M. NOUWEN, *Crescer. Os três movimentos da vida espiritual*, Ed. Paulinas, Lisboa 2001

JAMES MALLON, *Manuel de survie pour les paroisses*. *Pour une conversion pastoral*, Ed. Artège, 2.ª ed., Paris 2015, 103-212;

JAMES MALLON*, Renovação divina. De uma paróquia de manutenção a uma paróquia missionária, Ed*. Paulus, Lisboa 2019

JAMES MALLON*, Una renovación divina. De una parroquia de mantenimiento a una parroquia misionera*, E. Bac 2015.

J. TOLENTINO MENDONÇA, O pequeno caminho das grandes perguntas, Ed. Quetzal, Lisboa, 2017

JUAN JOSÉ PÉREZ-SOBA, L*a pastoral familiar. Entre programaciones pastorales y generación de una vida*, Ed. BAC Popular, Madrid 2014

JUAN PABLO GARCIA MAESTRO, *La opción misionera*, Ed. San Pablo, Madrid, 2018, 96-105.

PAPA FRANCISCO, *A alegria do amor.* Exortação Apostólica Amoris Laetitiae, Ed. Paulinas – Secretaria Geral do Episcopado, Prior Velho, 2016

PAPA FRANCISCO, *A alegria do Evangelho. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas-Secretaria Geral do Episcopado, 2013

PAPA FRANCISCO**,** Bula «*Misericordiae vultus*» (O rosto da misericórdia), na proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 11.04.2015

PAPA FRANCISCO, *Discurso sobre a evangelização das grandes cidades*, 27.11.2014

PAPA FRANCISCO, *Encontro com os Bispos da Polónia*, 27 de julho de 2016.

PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013

PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2018

PAPA FRANCISCO*, Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude* 2014, 21.01.2014

PAPA FRANCISCO-PADRE ANTONIO SPADARO, *A Esperança. A entrevista exclusiva ao Papa Francisco*, Col. Diálogos de fé, Paulus Editora-Cofina Media-Edição Glaciar, janeiro de 2014;

PAPA FRANCISCO-PADRE ANTONIO SPADARO, *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora*. *A entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Padre António Spadaro,* Ed. Paulus – A.O. 2013; cf. *Revista Brotéria*, agosto-setembro 2013; ou ainda cf. http://www.broteria.pt/component/content/article/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas

PHILIPPE BACQ-CHRISTOPH THEOBALD, *Uma nova oportunidade do Evangelho*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013

RINO FISICHELLA, *A nova evangelização. Um desafio para sair da indiferença*, Ed. Paulus, Lisboa 2012

SÃO JOÃO PAULO II, Carta Ap. *Redemptoris Missio*, Ed. Paulistas, Lisboa 1991

São João Paulo II, Carta Apostólica «*Novo Millennio ineunte*» (No início do novo milénio), no termo do Grande Jubileu do Ano 2000, 06.01.2001

SÃO JOÃO PAULO II, Ex. Ap. *Catechesi Tradendae*, Ed. A.O. 4ª ed., Braga 1982

SÃO JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica Chrstifideles Laici* (30.12.1988)

SÃO PAULO VI, Ex. Ap. *Evangelii Nuntiandi*, Ed. A.O. 6ª ed, A.O., Braga 1983

STEPHEN B. BEVANS Y ROGER P. SCHROEDER, *Teología para la mision hoy. Constantes em contexto*, Ed. Verbo Divino, Navarra 2009

TIAGO FREITAS, *Colégio de Paróquias. A Paróquia em tempos de mobilidade*, Ed. Paulinas 2018

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO e DO CARIBE, *Documento final*, Aparecida, 13-31 de maio de 2007.

VÍCTOR MANUEL GERNANDEZ-PAOLO RODARI, *A revolução suave do Papa Francisco*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2014

WALTER KASPER, O *Evangelho da família*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2014

1. TIAGO FREITAS, *Colégio de Paróquias. A Paróquia em tempos de mobilidade*, Ed. Paulinas 2018. Seguimos o autor nesta breve introdução sobre a hospitalidade, sobretudo nas páginas 342-249;342-353. [↑](#footnote-ref-1)
2. HENRY J. M. NOUWEN, *Crescer. Os três movimentos da vida espiritual*, Ed. Paulinas, Lisboa 2001, p.93. [↑](#footnote-ref-2)
3. JACQUES DERRIDA, *Of hospitality*, Stanford, 2000, p.25, cit. TIAGO FREITAS, *Colégio de Paróquias. A Paróquia em tempos de mobilidade*, Ed. Paulinas 2018, p. 238. [↑](#footnote-ref-3)
4. *Carta a Diogneto*, 5,5; cf. Pastor de Hermas 1,1 [↑](#footnote-ref-4)
5. Jean Vanier, *A comunidade, lugar do perdão e da festa*, cit. por TIAGO FREITAS, *Colégio de Paróquias. A Paróquia em tempos de mobilidade*, Ed. Paulinas 2018, p. 247 [↑](#footnote-ref-5)
6. DOM CARLOS AZEVEDO, Palestra sobre Dom António Barros na Paróquia de Nossa Senhora da Hora 19.5.2018 [↑](#footnote-ref-6)
7. PAPA FRANCISCO, *Encontro com os Bispos da Polónia*, 27 de julho de 2016. [↑](#footnote-ref-7)
8. DOM CARLOS AZEVEDO, Conferência sobre Dom António Barroso, Paróquia de Nossa Senhora da Hora 19.05.2018. [↑](#footnote-ref-8)
9. cf. PHILIPPE BACQ-CHRISTOPH THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013. [↑](#footnote-ref-9)
10. Cf. FABRÍZIO MERONI, ANASTÁCIO GIL (Coorden.), *La misión, futuro de la Iglesia. Missio ad - inter gentes*, Ed. PPC, Madrid 2018. [↑](#footnote-ref-10)
11. JUAN JOSÉ PÉREZ-SOBA, L*a pastoral familiar. Entre programaciones pastorales y generación de una vida*, Ed. BAC Popular, Madrid 2014. [↑](#footnote-ref-11)
12. J. Tolentino Mendonça, *O pequeno caminho das grandes perguntas*, Ed. Quetzal, Lisboa, 2017, p. 158 [↑](#footnote-ref-12)
13. PAPA FRANCISCO, *Discurso*, 27.11.2014 [↑](#footnote-ref-13)
14. Cf. JAMES MALLON*, Renovação divina. De uma paróquia de manutenção a uma paróquia missionária, Ed*. Paulus, Lisboa 2019, p.140 [↑](#footnote-ref-14)
15. DANIEL FARIA, *Poesia*, Edições Quasi, 2003, p.55 [↑](#footnote-ref-15)
16. James Mallon, *Manuel de survie pour les paroisses*. *Pour une conversion pastoral*, Ed. Artège, 2.ª ed., Paris 2015, 103-212; ou James Mallon *, Una renovación divina. De una parroquia de mantenimiento a una parroquia misionera*, E. Bac 2015. Publicado recentemente em Portugal: James Mallon*, Renovação divina. De uma paróquia de manutenção a uma paróquia missionária, Ed*. Paulus, Lisboa 2019*.* Resumido em Juan Pablo Garcia Maestro, *La opción misionera*, Ed. San Pablo, Madrid, 2018, 96-105. Na edição portuguesa os 10 pontos vão da página 95 à página 198. Há um elenco na pág. 71. Podíamos resumir assim::

	1. Prioridade ao Domingo e à Eucaristia dominical. Despertar a comoção pela beleza da celebração. Vencer a cultura minimalista.
	2. **Hospitalidade:** acolher e alcançar a todos, a começar pelos distantes e estrangeiros. Criar equipas de acolhimento. Começar por acolher bem, nas celebrações.
	3. O canto na liturgia é música para a alma.Tocar o mais profundo da alma e do coração. Conciliar o antigo e o novo. Oferecer beleza. Nota do autor: a renovação da Igreja passa por três agás: “*hospitalidade, hinos e homilias*”…
	4. As homilias preparadas e partilhadas, como momento celebrativo, com palavras que abrasem os corações (EG 135-159) e cheguem ao concreto de todas as pessoas e da pessoa toda.
	5. Uma comunidade verdadeira e familiar, onde há verdadeira fraternidade, clima de festa, alegria do convívio, experiência de comunhão. É importante cuidar do pré e do pós-missa…
	6. Um bom acolhimento na secretaria paroquial, mas com altas expetativas, é a maneira mais respeitosa de corresponder às necessidades das pessoas.
	7. Descobrir os talentos de cada um. Aproveitar os pontos fortes. Dar prioridade às pessoas e aos processos e não aos resultados. Cada um no seu lugar. Mas todos discípulos missionários (EG 119-121).
	8. Formação de pequenas comunidades. Grupos de conexão, de ligação, de reflexão… onde o pastor não é um gestor, mas um líder animado e animador, com um sonho e uma visão, um líder que não se distingue pelo número de seguidores, mas pela capacidade de formar outros líderes de pequenos grupos.
	9. Experiência do Espírito Santo, que nos santifica e nos anima na missão: “*nenhuma motivação será suficiente se não arde nos corações o fogo do Espírito*” (EG 261). Entusiasmo contagiante e confiante, próprio de um batismo que frutifica num caminho de santidade.
	10. Converter-se numa Igreja que convida: “Vinde e vede” (Jo 1,39). [↑](#footnote-ref-16)